

Auto-estima em alta



Resultados clínicos comprovam que um estado emocional positivo favorece o tratamento

Os avanços da Medicina na área da Oncologia mudaram radicalmente as perspectivas de tratamento do câncer, que há muito deixou de ser fatal. Hoje, é uma doença crônica, tratável e, em muitos casos, curável especialmente se diagnosticado precocemente. Apesar disso, a hora do diagnóstico ainda é um choque para o paciente, quase uma sentença de morte. Um estigma da época em que não eram disponíveis terapias eficazes, como a quimioterapia, a radioterapia e a cirurgia. Embora isso seja coisa do passado, são frequentes os casos de depressão e de desequilíbrio emocional que podem interferir na continuidade da rotina de tratamento e até mesmo na resposta do organismo, mais fragilizado e vulnerável. Para isso, os principais centros de referência no tratamento do câncer e unidades de saúde dos mais variados portes contam com os serviços de apoio psicológico.

Hoje, são comuns os grupos de apoio psicológico, por todo o Brasil, como a Rede Feminina de Combate ao Câncer de São Caetano do Sul, que atua no Hospital Beneficência Portuguesa, em São

Paulo, garantindo esse tipo de suporte aos pacientes e familiares sem condições financeiras para o tratamento. Outro exemplo é a Associação Brasileira de Apoio ao Paciente com Câncer (ABAC-LUZ), que reúne psicólogos voluntários para atendimento gratuito em Brasília.

No INCA, as equipes médicas de todas as suas unidades contam com o apoio de psicólogos, para os quais encaminham os pacientes sempre que necessário e em todas as etapas do tratamento, do diagnóstico à readaptação dos operados. A chefe da Psicologia do Hospital do Câncer I (HCI), Maria da Conceição Moreira, explica como esse acompanhamento psicológico e social é fundamental para o bem-estar e a qualidade de vida do paciente, garantindo melhores resultados nas terapias. Segundo ela, o medo da morte pode afetar o paciente emocionalmente a ponto de interferir no seu tratamento e no restabelecimento, ou mesmo acelerar a doença. “É comum a sensação de perda, principalmente no início. Num momento como esse, ajudamos o paciente a ganhar confiança e a valorizar as pequenas conquistas, a cada etapa superada”, resume.

Francisco Luiz Ramalho Araújo, de 57 anos, foi operado de um câncer no reto em 2006. “Logo depois da minha operação, fiquei muito apreensivo. Pensei que tudo estava acabado para mim e nunca mais teria uma vida normal”. Ao constatar a desmotivação do paciente, o oncolologista que o operou decidiu encaminhá-lo ao psicólogo. “Esse apoio me trouxe motivação para lutar e aceitar minhas limitações. Hoje, sei que não poderei mais jogar bola, mas, sempre que posso, vou ao estádio para assistir uma boa partida”, comemora.

A família do paciente também vivencia este momento de insegurança e impotência. Por isso, os familiares também recebem o atendimento psicológico, com total suporte e acompanhamento do serviço social do INCA. “A família deve estar unida para



apoiar a recuperação do paciente. Esse contato traz mais esperança, estímulo e força para o paciente superar todas as etapas do tratamento”, explica a psicóloga. Quando o paciente não tem um familiar que possa acompanhar seu tratamento, as assistentes sociais identificam alguém mais próximo, familiar ou amigo, com o perfil adequado. Esses cuidadores são preparados para dar conforto e confiança ao paciente, mesmo nos momentos mais difíceis.

A coordenadora do atendimento psicossocial da Casa Ronald, Ângela Damásio, explica que o psicólogo ajuda a humanizar um processo tão delicado que é sair de casa para enfrentar uma quimioterapia ou uma operação. A Instituição foi fundada em 1994 por voluntários do INCA para viabilizar o tratamento de crianças carentes, especialmente no início do tratamento, quando são necessárias visitas diárias ao hospital. Hoje, o atendimento psicológico da Casa Ronald recebe pacientes do INCA e de outros hospitais da rede pública no estado do Rio de Janeiro, somando mais de seis mil atendimentos desse tipo por ano. Lá, são utilizados recursos lúdicos, como artes plásticas, música e expressão corporal, para aliviar o estresse e desenvolver a auto-estima, tanto das crianças, quanto das mães.

Para a psicóloga do Hospital Geral de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, Jéssica Paes da Cunha de Riba, também deve ser observada a condição psicológica dos profissionais que lidam diariamente com a dura rotina nos hospitais, onde conciliam, o tempo todo, as dificuldades profissionais, como a falta de recursos e de tempo, com as angústias e sofrimentos de pacientes e familiares. Os profissionais precisam contar com esse tipo de suporte

“Nosso papel é melhorar a qualidade de vida de todos que vivenciam uma rotina estressante do tratamento do câncer”

JÉSSICA PAES DA CUNHA DE RIBA,
psicóloga do Hospital Geral de Jacarepaguá, Rio de Janeiro

para que possam oferecer um bom atendimento. “Nosso papel é oferecer conforto e ajuda para melhorar a qualidade de vida de todos que vivenciam uma rotina estressante como a do tratamento do câncer”, resume. Maria da Conceição Moreira, do INCA, destacando que é preciso ter muita sensibilidade e uma boa formação profissional para tratar os pacientes com toda a naturalidade.

No INCA, somente profissionais formados no curso de Psicologia em Oncologia do Instituto fazem esse tipo de atendimento. Segundo ela, é importante saber portar-se com pacientes de todas as idades, principalmente com as crianças, que requerem uma atenção diferenciada. “Incentivamos os trabalhos lúdicos, como desenhos e brincadeiras com massinha, porque ajudam a aproximar os profissionais e os pacientes. As crianças precisam estar muito à vontade para se expressar, afinal não se comunicam da mesma forma que um adulto”, explica. O curso tem duração de um ano e são oferecidas dez vagas por ano a candidatos de todas as partes do País. Para participar, o candidato deve ser formado há dois anos e ter experiência na área hospitalar. ■